

02/05/2018 - 05:00

Empresários podem ajudar governo com "choque de gestão"

Por Chiara Quintão e Marli Olmos

A vantagem de crescer em um país com frequentes oscilações econômicas é ter a chance de aprender a lidar com crises desde cedo. Aos 38 anos de idade e, oficialmente, 20 de setor, o empresário Saulo Suassuna Fernandes Filho, da construtora



Suassuna Fernandes, participava de discussões com o pai e o tio - Saulo e Henrique Suassuna Fernandes - desde os 14 anos. A vida o ensinou sobre os ciclos do setor imobiliário e da economia. Mas a melhor lição veio do pai que, ao deparar-se com o "sumiço" do comprador, na última e maior crise imobiliária do país, o aconselhou a nunca segurar vendas na expectativa de uma valorização futura. "Aparecendo outro momento como esse, se eu não estiver aqui, venda. Não fique segurando", disse.

Saulo Suassuna: "Ainda existe um receio muito grande dos empresários, de forma geral, de tomar partido"

Sobrinho-neto do poeta e dramaturgo Ariano Suassuna, o engenheiro civil e arquiteto Saulo Suassuna Filho criou um sistema de construção de apartamentos em módulos. Dessa tecnologia, surgiu a Molegolar, startup que desenvolve projetos para a empresa da família e outras incorporadoras.

O empresário formado em Pernambuco e com especializações em Harvard, Stanford e MIT reclama do descompasso entre as quedas da taxa Selic e os juros para incorporadoras e consumidores no crédito imobiliário. Otimista, no entanto, com a recuperação da atividade econômica a despeito das turbulências no cenário político, diz sentir falta de empresários na disputa eleitoral e sugere que os candidatos incluam em suas plataformas de governo a possibilidade de criar um conselho formado por representantes do setor produtivo.

Leia, abaixo, os principais trechos da entrevista:

Valor: *Alguns setores ainda percebem algumas travas para a retomada da atividade. Qual é o cenário no setor imobiliário?*

Saulo Suassuna : Tenho criticado o spread bancário. O governo fez seu papel. Mas como o mercado está na mão, praticamente, de cinco players, a boa taxa Selic não chega na ponta. Estamos olhando também as projeções de aumento do PIB. Estamos mais otimistas. As empresas estão tirando os projetos da gaveta.

Valor: *Na sua opinião, o ano eleitoral pode provocar turbulências na recuperação econômica?*

Suassuna : Sempre pode atrapalhar. Mas as respostas de recuperação de mercado, durante eventos turbulentos que tivemos, recentemente, na política, mostraram que a economia está muito menos sensível a crises políticas. Alguns casos não tiveram a repercussão que se imaginava.

Valor: *Sempre falamos de déficit público e reformas. Que passos o próximo governo poderia seguir?*

Suassuna : A agenda que o Temer planejou e, infelizmente, não conseguiu concluir, deve ser a prioridade da nova gestão, seja quem for o presidente. Eu diria que a reforma da Previdência é a primeira, para fechar as contas. Depois, viria a tributária, desde que, antes da eleição de 2020, houvesse tempo de fazer também a reforma política. Mas o corte de gastos é fundamental. Eu também gostaria de ver alguém do meio empresarial à frente do país para um choque de gestão. Talvez um conselho formado por alguns empresários ligado ao governo. Não vi se algum dos candidatos tem essa proposta.

Valor: *Pelo que diz, o empresário deveria atuar mais na política...*

Suassuna : Sim. Ainda existe um receio muito grande dos empresários, de forma geral, de tomar partido. Mas alguns estão tomando a iniciativa. O Flávio Rocha [ex-presidente das lojas Riachuelo e pré-candidato à Presidência pelo PRB], por exemplo, é um "outsider" que entra para querer fazer uma história diferente. O vejo, de forma muito destemida, dizer o que pensa. Antigamente, o empresário não queria nunca contrariar o político.

Valor: *Na sua avaliação há riscos de uma nova crise como a que passamos recentemente?*

Suassuna : Estou otimista. Não sou muito antigo no mercado, mas deu para acompanhar. Em 2007, por exemplo, acreditávamos que americanos e europeus iam fazer suas casas de veraneio todas no Brasil. Todo o mundo comprava terrenos em beira de praia. De repente, vem uma crise externa, muda o cenário do mercado de turismo completamente, e parece que o mundo acabou. Dois anos depois, passamos a reviver um "boom" no mercado imobiliário, que durou até o começo de 2014. Achava-se que o Brasil ia crescer 4%, 5% ao ano durante dez anos, ia ser uma China. Aí veio a crise. Diziam que seriam 20 anos para nos recuperarmos, mas dois anos depois estávamos nos recuperando de novo. A grande lição é perceber que são ciclos.

Valor: *Há quanto tempo trabalha nesse mercado?*

Suassuna : Tenho 38 anos e estou, oficialmente, no mercado há 20. Comecei a trabalhar com 18, mas desde 14 anos participo das discussões com meu pai e com meu tio [Saulo e Henrique Suassuna Fernandes, fundadores da Suassuna Fernandes].

Valor: *E quais comentários eles fazem em relação à última crise comparada com as anteriores?*

Suassuna : Meu pai acha que essa foi a pior, porque em outras crises, com um desconto de 20% a 30%, era possível realizar caixa. Queimava um pouquinho do patrimônio, mas não perdia o fôlego. Na última, mesmo com 30% a 40% de desconto, o comprador não aparecia. Na época de "boom", evitamos vender tudo, querendo segurar alguma coisa, achando que pode valorizar. A lição que meu pai me deu foi: aparecendo outro momento desses, se eu não estiver aqui, venda. Não fique segurando.

Valor: *O senhor está otimista em relação às ações tomadas para reduzir a corrupção no país?*

Suassuna : Acredito que a corrupção vai diminuir. Não sou ingênuo de achar que vai desaparecer. Mas via-se uma coisa muito descarada. O político aliciando o empresário e vice-versa tinha caído no senso comum de que todo mundo faz, de que a regra do jogo é essa. O choque que aconteceu fortaleceu instituições. Movimentações gigantes de dinheiro vão passar a chamar mais a atenção. Pessoas do Ministério Público vão ganhar mais confiança e fôlego para combater isso de perto. Ao mesmo tempo, quem praticava a corrupção também está pensando duas vezes. Hoje, se um cogita algo, alguém logo reage: tá maluco, meu amigo, não está vendo o Jornal Nacional?

Valor: *O Brasil tem deficiências na área de infraestrutura. Como o país pode financiar melhorias nessa área?*

Suassuna : Acho que o futuro está nas PPPs [parcerias público-privadas]. Deveria haver concorrência aberta a empresas de fora. Esse modelo, com a seriedade com que o país está se revestindo, pós era da corrupção, tem tudo para funcionar.

Valor: *Na sua opinião o Brasil é ainda muito protecionista?*

Suassuna : Eu acho que é em muitos setores. No segmento das empreiteiras, não se veem empresas de fora. E, voltando à história do spread, no setor bancário, há muito protecionismo. Em outros países, há opção de todos os lados. Aqui, entre os privados, o Santander talvez seja o que mais se destaca na parte de crédito imobiliário. Se tivéssemos mais bancos como o Santander, com certeza teríamos uma coisa mais competitiva.

